

Governo pode adotar medidas contra os credores externos

Poderá ser limitada a remessa de dólares para o Exterior, diz Luiz Gonzaga Belluzzo.

O economista Luiz Gonzaga Belluzzo, assessor especial do Ministério da Fazenda, entende que o Brasil está pagando uma taxa de risco *spread* muito alta sobre a dívida externa. E avisa: medidas unilaterais contra os credores não devem "espantar".

— Não há por que se espantar com o fato de que alguns países tomem também medidas unilaterais — disse Belluzzo em entrevista ao programa "Economia a quatro mãos", da Rádio Eldorado, após ter afirmado: "Unilateralidade, por exemplo, foi a posição que os Estados Unidos tomaram em 1980 e 81, jogando todos os países devedores numa situação insolvável, quando subiram as taxas de juros. Então, unilateralidade precisa ser entendida tendo em conta que já há um precedente". Assinalou ainda: "Eu não estou dizendo que o Brasil precise chegar a esse ponto. O Brasil não faz bravatas".

O assessor do ministro Dílson Funaro acha que, como o Brasil fez um esforço de ajustamento e tem bom desempenho econômico, "merece do ponto de vista externo também alcançar metas melhores. Não se trata de um endurecimento ou uma bravata. O Brasil está achando que é preciso que se



reconstituam os mecanismos de financiamento externo da economia, de modo que se possa voltar a uma situação de normalidade".

O México foi citado por Belluzzo como exemplo do que não deve ser feito, isto é, "da ineficácia dos mecanismos tradicionais para o tratamento da crise. O caso do México é exemplar: fez-se aquilo que os organismos multilaterais e a comunidade financeira desejavam e o programa foi um fracasso. Agora se está tentando reproduzir o mesmo esquema e o México está resistindo, com razão".

Crescimento

A preocupação brasileira, explicou Belluzzo, é manter o crescimento econômico. Esta é a razão pela qual o governo quer forçar a entrada de dinheiro novo. "Mas não significa que o Brasil vai adotar uma estratégia de confrontação". Entretanto, "se o Brasil entender que certas medidas são necessárias para preservar a sua economia, é evidente que vai tomá-las, com toda serenidade".

O crescimento econômico, disse o assessor de Funaro, "não é compatível com essa transferência de recursos que se faz agora". O Brasil "entende também que existem formas perfeitamente aceitáveis de reduzir essa transferência, sem produzir nenhum efeito danoso sobre os organismos privados, sobre os bancos credores".

Hoje, segundo Belluzzo, o Brasil não está conversando com os bancos credores, mas com os organismos multilaterais de crédito, e com os governos dos países credores. "O que o Brasil tem feito é mostrar que há uma falta de consistência naquilo que os organismos multilaterais e mesmo os governos pretendem que o Brasil faça: ampliar exportações, continuar pagando carga de juros etc."